

DIA DO SENHOR, NOITE DOS HOMENS

Análise exegetico-teológica de Sf 1,14-18

Paulo F. Valério

Introdução

A mensagem dos profetas bíblicos jamais envelhece. Ritos e leis caducam, ficam obsoletos e são substituídos, como roupa que se puiu; a palavra do profeta, porém, mantém uma atualidade a toda prova: é como a chuva que faz germinar a semente, sempre, a cada vez que cai.

No panorama de nossa realidade atual, de agressão à natureza e ao ser humano, a mensagem de Sf 1,14-18, que trata especificamente do Dia do Senhor, ajuda-nos a perceber que o sofrimento, a dor e as catástrofes sofridas naquele dia não são fruto da vinda do Senhor, pois ele não vem para fazer sofrer e amargar nossas vidas. Ao contrário, ele vem para dar-nos a vida.

Acontece, porém, que a luz do seu Dia põe a descoberto, até mesmo no mais profundo de nós mesmos, as obras das trevas que teimamos em ocultar e perpetrar; ela torna patente aquilo que sob as aparências lateja; faz enxergar a obra da traça do egoísmo sob a fina casca do verniz de nossos ritos e leis, quer religiosos, quer civis.

O Dia do Senhor perscruta cada meandro de nossa vida, apalpando o corpo de nossa existência, detectando os cânceres e as contusões adormecidas e mal curadas. Por isso ele se afigura tão medonho; é porque os que vivem nas trevas têm medo da luz, não querem vir a ela a fim de que suas obras não sejam postas a nu: “Pois todo o que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam denunciadas” (Jo 3,20).

A profecia do Dia do Senhor parece constituir o núcleo da mensagem do profeta. Com efeito, em torno deste eixo é que se constroem as demais partes do livro. Estando, porém, intimamente ligada sobretudo ao capítulo primeiro, neste nos deteremos mais longamente a fim de que possamos melhor compreender o sentido desta passagem.

De início, situaremos sumariamente o profeta e sua mensagem no contexto histórico; segue-se a análise da estrutura literária de todo o capítulo primeiro e especificamente do texto que nos interessa diretamente, culminando no comentário de cada versículo de Sf 1,14-18. No final, fazemos uma breve consideração teológica do texto, procurando ressaltar os temas mais importantes.

1. Contexto histórico

O quadro histórico do livro de Sofonias constitui uma época excepcionalmente dramática. É o tempo da expansão assíria, construída sobre os escombros dos estados

arameus, de Damasco em 732 aC, incluindo-se a tomada da Samaria em 722, de Tiro em 701 (arruinada em 671); saque de Tebas, em 663.

No período seguinte, a situação se inverte: os medos aniquilam Nínive, em 612. Depois, os neocaldeus de Babilônia inundam o Ocidente. Jerusalém teria sido sitiada três vezes antes de ser arruinada; finalmente, em 598 acontece a primeira deportação, seguida de uma segunda em 587¹.

Entre estes dois movimentos inserem-se os citas que, de 639 a cerca de 611, dominaram grande parte do Oriente Médio. A atuação de Sofonias se dá quando a Assíria declina e quando cresce o poder babilônico.

2. Sofonias e seu ministério

2.1. O profeta

A respeito da pessoa de Sofonias, sabe-se muito pouco. O nome Sofonias (*Sefaniah*) significa “Yahvé entesourou”. Ao que parece, era judaíta, pregou em Jerusalém e atuou no reinado de Josias, pois os dados do livro se encaixam na época indicada pelo editor². Pela genealogia apresentada no v. 1 seria possível ver no Ezequias da quarta geração o bondoso rei que precedeu Josias; neste caso, Sofonias seria de descendência real, o que seria um suporte adicional para Josias³. Isto seria cronologicamente possível, mas muito incerto⁴. Segundo A. Schökel, talvez a fim de libertar o profeta de toda suspeita de ascendência estrangeira, o editor remontou alto, acrescentando três nomes de evidente conteúdo javista (Godolias, Amarias, Ezequias)⁵. Mais provável é que Sofonias seja apenas uma “voz”; a autoridade da palavra do Senhor provém da força da própria verdade.

Ao que parece, quando do “achado” (real ou forjado) do livro da aliança no Templo, no auge da reforma, Sofonias já teria morrido, dado que o rei consulta a profetisa Hulda a propósito (cf. 2Rs 22), e não mais o profeta⁶. Há quem não considere isto um argumento convincente: “Por que deveria consultar Sofonias? Devia existir um só profeta e não vários entre os quais o rei podia escolher?”⁷

2.2. O ministério

O livro de Sofonias encaixa sua atividade profética nos dias dos reis de Judá, e nada obsta a que tenha atuado nos dias de Josias, como o indica o título (1,1). Nem

1. DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*, p. 433.

2. SICRE DÍAZ, J.L. *A justiça social...*, p. 427.

3. ROBERTSON, O.P. *The Books...*, p. 34.

4. BLENKINSOPP, J. *Storia della profezia in Israele*, p. 143.

5. SCHÖKEL, L.A. & SICRE DÍAZ, J.L. *Profetas I*, p. 1143.

6. *Ibid.*, p. 1144; SICRE DÍAZ, J.L. *A justiça social...*, p. 428.

7. BONORA, A. *Naum, Sofonias, Habacuc...*, p. 99.

sempre é fácil datar com maior precisão a atividade de Sofonias; a opinião recente inclina-se a situá-la antes da descoberta do livro da lei em 622, portanto antes da reforma empreendida por Josias. No entanto, opiniões mais antigas e bem fundadas apostam no período anterior, dado que a situação criada pela longa administração de Manassés não podia ter-se evaporado tão rapidamente. É mais provável, portanto, que o achado do livro tenha criado um ambiente mais favorável, tanto para o ministério de Sofonias, quanto para o trabalho reformador de Josias.

Esta suposição apóia-se no fato de que, em 1,8s, o oráculo contra Jerusalém não menciona o rei, mas somente os funcionários e príncipes; do mesmo modo, a crítica à idolatria só seria compreensível antes da reforma empreendida pelo jovem rei⁸, na qual Sofonias o teria apoiado.

O profeta fala contra os ministros e príncipes da corte e contra os que se submetem aos poderes estrangeiros, imitando-lhes o vestir e as práticas religiosas. Com uma linguagem embebida de formulações do livro do Deuteronômio, Sofonias apresenta um quadro do julgamento vindouro sem paralelo na Escritura. Ao mesmo tempo, sua compreensão do amor de Deus alcança dimensões que desafiam a imaginação. Mesmo no contexto da devastação vindoura, por causa do pecado, o amor redentor de Deus por seu povo prevalecerá.

2.3. *Perspectiva teológica*

Um traço que distingue Sofonias (bem como Naum e Habacuc) é a virtual ausência de *messianismo*. A expectativa de um ungido que seria o salvador de Israel foi desenvolvida no século VIII aC (Os 3,4-5; Is 7,10-14; 9,6-7; 11,1-10; Mq 5,2-4). Como pôde esta expectativa sair de cena um século depois?

Possivelmente a desilusão com a experiência histórica da realeza em Israel ofereça a explicação mais plausível. A inviolabilidade de Jerusalém, exaltada até de forma mágica (“Templo do Senhor, Templo do Senhor, Templo do Senhor”, como critica Jr 7,4), torna-se uma ideologia combatida também por Sofonias, que declarou: os julgamentos de Deus percorreriam Jerusalém de portão a portão, de distrito a distrito, até que todo canto e recanto tenha sido vasculhado (Sf 1,9-12). Se a cidade não será poupada, muito menos a descendência do rei (1,8).

Embora não tivesse mais esperança num descendente de Davi, Sofonias continuava a crer que os propósitos de Deus seriam realizados (3,9-20). Como se voltasse ao tempo de Samuel, ele reconhece que o povo necessita de um rei, mas este seria o próprio Deus: “O rei de Israel, o Senhor, está no meio de vós” (3,15). Naquele momento histórico, esta intuição serviu de resposta e esperança.

Outro conceito importante que não aparece com tanta obviedade é o da *aliança*. O termo *berít* aparece mais de duzentas vezes no AT, mas não se encontra nem uma vez em Sofonias.

8. Esta seria a opinião de A. DEISSLER, segundo E. ZENGER, *Einleitung in das Alte Testament*, p. 519.

Para Sofonias, em vez de parceiro de uma aliança, Israel é a porção da humanidade na qual Deus quer começar a realizar sua obra que atingirá a todas as nações: se os povos vivem nas trevas, através de Israel a luz de Deus começa a brilhar para eles.

Antes, porém, que chegue esta luz – o Dia do Senhor – as trevas serão ainda mais intensificadas, pois a corrupção atingiu a raiz de todos, inclusive do próprio povo de Deus. Para Sofonias, porém, a destruição que Deus opera para arrancar o mal pela raiz não trará a ruína nem para Israel nem para os povos: Deus quer realizar algo novo. Surpreendentemente, o novo virá através daqueles que até então foram as vítimas: os portadores da salvação serão os “pobres de Yahvé”⁹.

Em resumo, Sofonias faz uma crítica radical ao Estado, à cidade e ao poder; estes são incapazes de realizar o projeto de justiça de Deus: “Sofonias denunciou, como os grandes profetas do século VIII, as diversas transgressões contra Deus e contra o próximo. Atacou a idolatria cultural, as injustiças, o materialismo, a indiferença religiosa, os abusos das autoridades, as ofensas cometidas pelos estrangeiros contra o povo de Deus”¹⁰.

Sofonias, porém, não anuncia somente catástrofe: por causa dos pobres, Deus poupa Jerusalém: estes, vítimas dos exploradores e violentos, não serão presas da ira que se abaterá contra os opressores. Contudo, a salvação de Israel e dos povos só será possível se “os pobres” aprenderem o direito e a justiça.

Contrariamente à tendência a interpretar “os pobres” de Sofonias primariamente como categoria religiosa, deve-se sustentar que aqui se trata de pobres no sentido econômico e social. Segundo N. Lohfink, o livro de Sofonias é o começo do discurso da “Igreja dos pobres” e da “Igreja pobre”. Deus não quer a miséria como o final do caminho com seu povo, mas a riqueza e a bênção. Esta riqueza, porém, nada tem a ver com aquela que provém da exploração dos pobres; é uma riqueza que só pode surgir quando os pobres são conduzidos a ela e nela jamais deixam de buscar a justiça, uma vida de sinceridade e de paz uns para com os outros¹¹.

3. Análise literária

3.1. Estrutura literária de Sf 1,1-18

Para melhor compreensão dos versículos que se concentram sobre o Dia do Senhor, julgamos que um olhar mais detalhado sobre a estrutura de todo o primeiro capítulo pode ser muito útil.

9. ZENGER, E. *Einleitung...*, p. 520.

10. SCHÖKEL, L.A. & SICRE DÍAZ, J.L. *Profetas I*, p. 1144.

11. LOHFINK, N. “Zefanja...”, p. 108.

Sf 1,1-18 pode ser dividido em cinco seções que se corresponderiam de certa forma¹².

1,1: “título” – contextualização histórica;

A. 1,2-3: oráculo contra a terra e o que ela contém;

B. 1,4-6: oráculo contra Judá e Jerusalém;

C. 1,7-8a: menção do Dia do Senhor e do dia do sacrifício do Senhor;

D. 1,8b: oráculo contra os chefes e classe dirigente;

D'. 1,9: oráculo contra os funcionários;

C'. 1,10a: referência solene ao grande Dia;

B'. 1,10b-13: oráculo contra Jerusalém;

A'. 1,14-18: o Dia do Senhor (o oráculo termina com o extermínio da terra);

O v. 1 situa historicamente as palavras do profeta (cf. acima *contexto histórico*). Quanto aos demais versículos, de modo geral, poder-se-ia considerar uma organização quiástica (tipo A, B, C, D, D', C', B', A').

Observamos que A traz um primeiro oráculo contra a terra e *tudo* que ela contém; homens e animais serão exterminados, numa espécie de *descrição*: “Encontramo-nos em uma antigênesis ou anticriação; como em novo dilúvio que acaba com a vida”¹³. Há mais insistência no homem a ser “descrito” do que na própria natureza: de tudo o que o Senhor extirpará, o homem é o primeiro – principalmente os idólatras – e o último a aparecer no v. 3.

A parte correspondente, A', o Dia do Senhor, faz uma espécie de descrição detalhada daquilo que foi anunciado em A: clamores, angústia, trevas, desespero e a ratificação final; a terra inteira será devorada, todos os habitantes da terra serão exterminados.

Os versículos assinalados com B mencionam explicitamente Judá e Jerusalém, enquanto B' refere-se a Jerusalém de forma clara ao mencionar o Portão dos Peixes, o Segundo Quarteirão e o Morteiro (Cidade Baixa) e, em vez de citar Judá, prefere falar das colinas da mesma região¹⁴. Os dois oráculos concentram-se num círculo menor, mais concreto (antes se falara da terra em geral e do país), denominando lugares e pessoas: os habitantes de Jerusalém, os responsáveis pelo culto (oficiantes e sacerdotes), os que se desviaram do Senhor e se voltaram para Milcam, os adoradores dos astros e os adivinhos, os comerciantes, os que madornam numa vida mansa. Note-se que o v. 13 traz de novo a situação de uma “descrição”, diferentemente da nova criação anunciada por Is 65,21-22: aqui as pessoas têm seus bens saqueados, constroem casas mas não as habitam, plantam vinhas mas não comem o seu fruto.

12. Esta proposta tem algo em comum com a de E. ZENGER, que ele denomina de “composição circular” (*Einleitung...*, p. 516).

13. SCHÖKEL, L.A. & SICRE DÍAZ, J.L. *Profetas I*, p. 1148.

14. Estas colinas só podem ser aquelas sobre as quais está construída a capital judaíta, especialmente Sião (cf. SICRE DÍAZ, J.L. *A justiça social dos profetas*, p. 436).

Em C temos pela primeira vez um aceno ao Dia do Senhor, adjetivado como dia do sacrifício do Senhor. Embora a expressão *naquele dia* apareça no v. 9, literariamente não pode ser nivelada à solene menção que aparece em C' com a expressão *naquele dia – oráculo do Senhor*. Não obstante a expressão *naquela ocasião* apareça no v. 12, como sinônimo do Dia do Senhor, julgamos coerente não assinalá-la como menção estrita ao *Dia do Senhor*.

Em todo caso, desta tentativa de compreender a distribuição do material neste primeiro capítulo, pode-se concluir que todo o texto é construído em torno do *Dia do Senhor*. A referência a esse dia aparece explicitamente por duas vezes; uma vez com o qualificativo “sacrifício”; uma vez simplesmente “naquele dia”; outra vez “naquela ocasião”; e, finalmente, como conclusão que engloba tudo o que foi anunciado, a grande teofania, o Dia do Senhor, versículos cuja estrutura tentaremos identificar a seguir.

3.2. Confronto de Sf 1,7-13 com Sf 1,14-18

Outra observação que pode ser útil é considerar que os v. 14-18 contêm de forma condensada o que já fora descrito nos versículos anteriores; julgamos poder ver, sob o aspecto literário e do conteúdo, certa correspondência entre determinados versículos:

Os v. 7-9 se ligariam aos v. 14-15: os v. 7.14 trazem a expressão *está próximo o dia do Senhor*; o silêncio imposto no v. 7, *silêncio diante do Senhor*, prepara as pessoas para escutar o *som do dia do Senhor* (v. 14), e contrasta ainda com o clamor do guerreiro (*gibôr*); atribuindo-se a este o significado de “poderoso”, pode indicar também os ministros e príncipes do v. 8; a miséria contrasta com o fausto e o luxo dos que seguem a moda estrangeira e vivem da fraude (v. 9).

Os v. 10-12 ecoariam os v. 16-17: grito e clamor (v. 10) ressoam no v. 16, *trombeta e gritos*, enquanto os bairros – Porta dos Peixes, Segundo Quarteirão – equivalem às cidadelas e torreões. O sangue derramado e as entranhas expostas aproximam-se muito da expressão do v. 12: *os que madornam sobre suas fezes*, como o vinho novo precisa de tempo para assentar a borra, adquirir a cor e a consistência, e é retirado antes que fique grosso demais. *haqope'im*, “congelar, coagular”, sugere que o vinho ficou tempo demais “descansando”: é a descrição da decadência da classe rica de Jerusalém¹⁵.

Por fim, o v. 13 vai em paralelo com o v. 18: as riquezas passarão a outrem, tudo será devastado; nem o ouro nem a prata poderão livrar os ricos do furor do Senhor.

3.3. Estrutura de Sf 1,14-18

v. 14: anúncio da chegada do Dia do Senhor;

v. 15-16: descrição concentrada daquele Dia;

v. 17-18: ações de Deus naquele Dia.

15. BERLIN, A. *Zephaniah: A New Translation with Introduction and Commentary*, p. 115.

Existem autores¹⁶ que preferem ligar o v. 14a à seção anterior, fazendo começar a perícopa em 14b. Embora a expressão *está próximo o dia do Senhor* do v. 14a, que aparece também no v. 7, pudesse funcionar como uma espécie de inclusão, é preferível colocá-la como início da perícopa, pois confere uma movimentação interessante: o Dia do Senhor *está perto*, aproxima-se *a toda pressa*, a ponto de já se poder ouvir sua voz.

Numa construção muito equilibrada, com grande variedade de adjetivos, o v. 15 pinta com cores fortes o Dia que se avizinha. Em nítido contraste com o dia, acentuam-se as trevas e as sombras. Não se vê indício algum de salvação.

Por fim, os v. 17-18 (primeiro fala o Senhor, a seguir o profeta) detalham as ações que o Senhor realizará naquele dia, culminando com o extermínio de todos os habitantes da terra.

4. Comentário

¹⁴ Aproxima-se o grande dia do Senhor!

Aproxima-se com grande rapidez:

Som do Dia do Senhor;

amargamente grita um valente.

¹⁵ Esse dia será um dia de cólera,

dia de angústia e aflição,

dia de destruição e desolação,

dia de escuridão e trevas,

dia nublado e de nuvens escuras,

dia de trombeta e alaridos,

¹⁶ contra as praças-fortes,

contra as altas ameias.

¹⁷ Perseguirei os homens

para que andem cegos,

porque pecaram contra o Senhor;

seu sangue será derramado como pó,

suas entranhas como esterco;

¹⁸ nem sua prata nem seu ouro poderão livrá-los,

no dia da cólera do Senhor,

quando o fogo de seu zelo

consumir a terra inteira,

quando acabar atrozmente

com todos os habitantes do país¹⁷.

16. ROBERTSON, O.P. *The Books...*, p. 281.

17. Nota da redação: Basicamente, a tradução é da *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

V. 14: a segunda parte deste versículo apresenta certa dificuldade na tradução. Preferimos ater-nos ao texto massorético: “Som do Dia do Senhor; amargamente grita um valente”. Parece mais coerente com todo o contexto de angústia daquele dia, quando até o mais corajoso guerreiro, acostumado a muitas batalhas, gritará apavorado. A variante, porém, não deixa de ter seu interesse e razão de ser.

Alonso Schökel, por exemplo, traduz, segundo a *lectio probabilior*: “O dia de Javé é mais ágil do que fugitivo, mais veloz do que soldado”. Para ele, “o dia apresenta-se personificado, como campeão de velocidade empenhado em chegar a tempo, antes que lhe escape aquilo que ele procura”¹⁸. Esta leitura e interpretação se harmoniza melhor com a idéia do Dia do Senhor que se aproxima, ao longe, como uma voz, e se achega sempre mais velozmente. Pode-se comparar ainda a imagem que traduz o nome do filho de Isaías (8,1.3): “saque rápido, presa ligeira”.

O texto da BHS, por sua vez, começaria logo acentuando as características medonhas daquele dia.

O tema do Dia do Senhor, dominante nesta primeira parte, não indica festa ou dia cultural em honra do Senhor; trata-se de sua intervenção na história, o que faz lembrar as experiências da gesta do Senhor “Dia de Madiã” (Is 9,3)¹⁹.

V. 15-16: Nos v. 14-16, fala o profeta, descrevendo o Dia do Senhor como bem próximo. Este futuro é descrito de forma deveras medonha: será grande o Dia do Senhor; é descrito de forma impressionante, usando-se ampla variedade de termos, sendo que prevalecem os que dão idéia de escuridão e trevas, acentuadas pelo modo como os homens caminharão, tais quais cegos, às escuras. O texto traz palavras assonantes, o que lhe empresta certa ênfase; normalmente, a segunda palavra de cada um dos pares é mais forte do que a primeira²⁰. O pano de fundo é a teofania do Sinai – escuridão, densas trevas, nuvem e som de trombeta –, mas desta vez não haverá mediador que livre o povo de ser atingido pelo castigo. Observe-se o contraste: o *dia* do Senhor é, na verdade, uma *noite* tremenda para os habitantes de Jerusalém e de Judá.

Caracterizando o Dia do Senhor como uma obra de descrição condensada num só dia (em contraposição aos sete dias da criação, embora, curiosamente, a palavra “dia” apareça aqui sete vezes), a expressão “Dia de tristeza e de angústia” atinge primeiro os seres humanos considerados genericamente (sem menção específica), destruindo-os interiormente em seus sentimentos e sonhos; a seguir, é a vez da natureza e daquilo que as mãos humanas criaram: “Dia de desolação e devastação” das cidades e da terra; tudo voltará ao caos primordial, envolto em trevas, mais precisamente em densa escuridão (cf. Ex 10,22), as trevas que cobriam o Egito no dia da terrível visita do Senhor. Reforçando o quadro de escuridão, o dia é de “nuvens e obscuridade”, sendo que a nuvem está relacionada a diversas teofanias de Deus (Ex 20,21; Dt 4,11; 2Sm 22,10 etc.).

18. SCHÖKEL, L.A. & SICRE DÍAZ, J.L. *Profetas I*, p. 1151.

19. Cf. BONORA, A. *Naum, Sofonias, Habacuc...*, p. 102.

20. ROBERTSON, O.P. *The Books...*, p. 283.

Por fim, uma caracterização mais concreta: um “dia de tromba e de grito de batalha”, num aceno ao que se passa no estourar de uma guerra contra uma cidade. Se Jericó, cidade tão bem fortificada, caiu ao som da trombeta humana (Jz 7), qual cidade subsistiria diante do som do dia do Senhor?

O Dia do Senhor é caracterizado, portanto, como um *dies irae*, dia de sentença condenatória, onde não há mais lugar para pedido de misericórdia; a vinda do juiz terá acompanhamento cósmico de trevas agourentas, às quais responderá o pavor dos culpados²¹.

V. 17: na primeira parte deste versículo, dir-se-ia que fala o Senhor, mas pode muito bem ser um jeito de o profeta assumir a voz do Senhor, dado que logo na frente o discurso se torna de novo indireto (a não ser que o Senhor fale de si mesmo usando a terceira pessoa). Embora a referência aos homens seja geral (*'adam*), o cenário é bem concreto: guerra e destruição, correria às cegas e som de trombeta; gritos, sangue derramado, entranhas expostas, como a indicar algo comum a todas as pessoas. Se no Gênesis Deus criara o homem do pó (2,7), aqui ele desfaz aquilo que modelou: o sangue se mistura ao pó, as entranhas são espalhadas como lixo. Enquanto em alguns sacrifícios o sangue é derramado em honra de Javé e a ele são reservadas diversas vísceras (Lv 3), aqui o sangue e as vísceras do macabro banquete são desprezadas pelo Senhor²².

A alusão à cegueira humana se realiza dramaticamente no castigo reservado aos “filhos do rei” (v. 8), protagonizado por Nabucodonor contra Sedecias, último rei de Judá, terceiro filho de Josias: após assassinar seus filhos ante seus olhos, o rei da Babilônia vaza os olhos de Sedecias para que a última cena de que ele se lembre no futuro seja a destruição de sua descendência (2Rs 25,6-7).

Por que tanta ira e violência? “Porque pecaram contra o Senhor” – esta é a explicação encontrada no próprio texto, de sabor deuteronômista. Mais adiante, quando Deus voltar a ter misericórdia de seu povo, um dos primeiros benefícios messiânicos será a recuperação da vista (Is 42,7; cf. Lc 4,18 etc.).

V. 18: dirige-se novamente aos ricos, dado que menciona “a prata e o ouro deles”, sendo que aqui se incluem também os idólatras, num jogo de palavras duplamente interessante, compondo uma crítica radical aos ídolos ou riqueza (prata e ouro); em nada poderão ajudar seus donos: o Senhor não se deixa corromper. Alternando referências generalizadas a outras mais concretas, mencionam-se todos os habitantes da terra, e pela primeira vez aqui se usa o termo *país* (*ha'areç*) em vez de *terra* (*ha'adamah*), o que certamente indica uma precisão: a terra de Judá.

O v. 18 forma uma espécie de inclusão temática com o v. 2 ao mencionar o extermínio de todos os habitantes da terra (o v. 2 fala do extermínio de tudo o que existe sobre a *terra*, enquanto o v. 18 usa o termo *país*).

21. Cf. SCHÖKEL, L.A. & SICRE DÍAZ, J.L. *Profetas I*, p. 1152.

22. *Ibid.*

5. Consideração teológica

De um modo geral, apesar da beleza poética e assustadora da descrição do Dia do Senhor, do ponto de vista literário talvez se pudesse fazer a seguinte observação: os v. 14-18 parecem uma recapitulação de forma generalizada e anônima de tudo o que já foi descrito pormenorizadamente anteriormente. É quase um anticlímax na construção do texto. De acordo com o conteúdo dos versículos, dir-se-ia que ficariam melhor colocados no início do capítulo: o Dia seria anunciado como *próximo*, viria *a toda pressa*, já se podia ouvir sua *voz*; seguir-se-ia a descrição das características desse dia; por fim, o alvo concreto visado pelo Senhor naquele dia: Judá, Jerusalém, os dirigentes etc.

Ao que parece, o redator preferiu fazer uma abertura impactante, começando de forma contundente no v. 2 – “*Tudo* extirparei da face da terra” – partindo do aspecto mais genérico (v. 2) ao mais concreto (v. 4).

No entanto, como se o profeta tivesse pressa em denunciar os maus e o julgamento que os espera, antes mesmo de concluir o v. 3, que toca o aspecto geral, menciona imediatamente os ídolos e os maus: o acento é logo posto na *corrupção da religião* (v. 3-6).

A esta altura, ele pontua o texto com uma primeira menção ao Dia do Senhor, qualificando-o de dia do “sacrifício do Senhor” (v. 7). Quem seriam os consagrados? Quem seriam os convidados, quais serão as vítimas? Judá será sacrificado... Haveria lugar para um “resto” consagrado pelo Senhor? Ironicamente, o Senhor não aceita os sacrifícios ambíguos que lhe são oferecidos; ele mesmo decide preparar para si um sacrifício, cuja vítima parece ser o próprio povo.

Os v. 8-11 enfocam o exercício desastrado do poder – mencionam-se os chefes, os “filhos do rei” (não de Josias, que era menino no tempo de Sofonias) (v. 8); da administração – os que pulam o pórtico, além de prática supersticiosa, pode indicar os cobradores de impostos²³ (v. 9); e do comércio – menção ao Portão dos Peixes (10-11); a subserviência ao poder estrangeiro – imitam-se-lhe a moda e os costumes, abandonando as próprias tradições religiosas e adotando crenças e práticas gentílicas. Do ponto de vista social, isto era pura e simples afronta aos pobres, já que se tratava de “produtos de importação”, um luxo a que somente poucos podiam entregar-se²⁴. Por fim os v. 12-13 focalizam os ricos e latifundiários acomodados, que se julgavam abrigados da ira do Senhor – os que moram na parte mais rica (o Segundo Quarteirão). De modo especial o v. 12 fala dos que se acomodaram a uma vida fácil e rica: *os que madornam sobre as próprias fezes*. O acento aqui é posto na *corrupção do poder*.

Mas não somente os ricos e poderosos são mencionados. Também os mais pobres, os que moram na parte baixa da cidade, vizinhos dos comerciantes, ourives; estes, que enriqueciam a cidade com sua profissão, desaparecerão, e toda a cidade participará de sua sorte: ninguém escapará do Dia do Senhor.

23. Traduzindo *miptan* por “umbral” (do templo), J.L. SICRE hipoteticamente interpreta aqueles que “saltam o umbral” como sendo os sacerdotes (SICRE DÍAZ, J.L. *A justiça social...*, p. 432).

24. Cf. SICRE DÍAZ, J.L. *A justiça social dos profetas*, p. 434.

É interessante notar o movimento que o texto descreve: em relação ao *lugar* e às pessoas, nota-se um *crescendo* na investigação do Senhor, que parte do mais geral e amplo, até o mais íntimo.

Quanto ao lugar: o v. 2 parte da “terra”, usando um termo bem geral; depois, situa-se com mais precisão: Judá e Jerusalém; um lugar preciso: *este lugar* e as colinas em derredor; o Senhor começa a percorrer a cidade com tochas (v. 12), numa perquirição cuidadosa: sobe aos terraços, vai até a parte alta, desce à região mais baixa; vai do bairro rico ao bairro pobre, do templo ao mercado. Sua busca se intensifica ainda mais quando decide perscrutar cada canto da cidade com a luz tenebrosa do seu Dia, alcançando os lugares mais escondidos, a mais íntima parte da vida da cidade: ali, na penumbra da vida, descobre os que “madornam sobre suas fezes”; trata-se de pessoas que não sofreram calamidades, para as quais tudo vai bem e se sentem seguras. Colocam sua segurança na riqueza e nas posses: para elas, Deus não conta²⁵. Mas o Senhor ainda vai além; seu conhecimento penetra os corações e os pensamentos dos homens, “aqueles que dizem a si mesmos: ‘O Senhor não faz o bem nem o mal’” (v. 12). A ação violenta do dia do Senhor não se contentará simplesmente com mostrar os segredos mais íntimos das pessoas; de forma contundente, o homem será posto pelo avesso: seu sangue será derramado, suas entranhas expostas como o lixo (v. 17).

No que diz respeito às pessoas, dá-se o mesmo: menciona-se o homem de forma geral (*ha ’adam*); em seguida, faz-se uma precisão: os maus e idólatras, os habitantes de Jerusalém, e mesmo sem dizer o nome das pessoas indica-se inequivocamente sua identidade pelas funções que exercem (sacerdotes, adivinhos, chefes e governantes) ou pelo comportamento ou ações que praticam (vestes de luxo, fraude, violência, comércio).

O Dia do Senhor, portanto, se assemelha ao sol nascente: primeiro atinge os picos mais altos; a seguir, vai descendo aos vales, até iluminar os recantos mais recônditos. Contudo, até mesmo lá onde o sol não chega, chegará a ira do Senhor.

É impossível compreender o conteúdo dos v. 14-18 sem uma referência explícita aos versículos precedentes, pois eles como que detalham as ações do Senhor no seu Dia.

Conclusão

A profecia de Sofonias pode ser considerada um tratado da ira do Senhor: “os que pecaram contra o Senhor” (v. 17) não escaparão daquele terrível Dia. Esse dia tornou-se realidade para Judá quando da destruição de Jerusalém pelos babilônios e subsequente deportação dos exilados.

Trata-se também de um dia futuro, escatológico, um “dia de cólera, no qual se revelará o justo juízo de Deus” (Rm 2,5). Mas, visto que se trata de uma profecia, diríamos que é também um dia atual e presente, dia em que “os reis da terra, os magnatas, os chefes militares, os ricos e os poderosos, todos, escravos e livres, escondem-se em cavernas e nos rochedos das montanhas e dizem às montanhas e aos rochedos: ‘Caí sobre

25. *Ibid.*, p. 438.

nós e escondi-nos longe da face do que está sentado no trono, e longe da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da sua ira, e quem poderá subsistir?” (Ap 6,15-17).

Não se pense, porém, que este dia do Senhor seja acompanhado de uma legenda que o identifique – “Este é o dia do Senhor, a noite dos homens”. Não! Ele está aí, a cada dia, na violência, na corrupção, na fraude que conseguem arrastar principalmente os ricos, mas às quais os pobres não ficam imunes.

Se Deus criou o mundo e nele colocou o ser humano para dele cuidar (Gn 3,15), este se encarrega de des-criar o mundo, agredindo a natureza, cobrindo de trevas aquilo que Deus enchera de luz.

A perícopes do Dia do Senhor não parece encerrar nenhuma promessa, como se o profeta não quisesse amenizar a seriedade daquele dia de crise, de julgamento e de conversão com o alívio de promessas fáceis. De qualquer forma, o livro de Sofonias conclui-se com um convite a gritar não mais de dor e de angústia, mas de alegria, pois foi cancelada a sentença; Jerusalém não precisará ter mais medo: sua sorte estará mudada (3,14-20).

“Quem poderá subsistir?” Com certeza aqueles a quem o Senhor chamou e consagrou (cf. Sf 1,7), o resto humilde e pobre, que buscará apoio no nome do Senhor (3,12), aqueles aos quais se dirige o convite: “Vinde para a luz!” (Is 49,9), pois nada têm a esconder da luz. Se viviam em trevas é porque foram forçados a isso; e se a elas se acostumaram e nelas adormeceram por algum tempo, agora ouvem a voz: “Acorda! Acorda! Sacode a poeira, levanta-te, Jerusalém cativa!” (Is 52,1.2). Nestes está a esperança de que a noite dos homens conheça o amanhecer.

Bibliografia

- BERLIN, A. *Zephaniah: A New Translation with Introduction and Commentary* (The Anchor Bible. New York 1994).
- BLINKINSOPP, J. *A History of Prophecy in Israel* (Louisville, Kentucky 1983) [Trad. italiana: *Storia della profezia in Israele* (Brescia ²1996-1997)].
- BONORA, A. *Nahum – Sofonia – Abacuc – Lamentazioni: Dolore, protesta e speranza* (Brescia 1989) [Trad. brasileira de Lucy R.M. César. *Naum, Sofonias, Habacuc – Lamentações, sofrimento, protesto e esperança* (Pequeno Comentário Bíblico AT. São Paulo 1993)].
- DONNER, H. *Geschichte des Volkes Israel und seiner Nachbarn in Grundzügen I-II* (Göttingen 1986; 1995) [Trad. brasileira: *História de Israel e dos povos vizinhos I-II* (Petrópolis 1997)].
- KOCH, K. *Die Propheten II – Babylonisch-persische Zeit* (Stuttgart 1980, ²1988).
- LOHFINK, N. “Zefanja und das Israel der Armen”. *BiKi* 39 (1987) 100-108.
- RAD, G.v. *Theologie des Alten Testaments I-II* (München 1957-1960) [Trad. brasileira: *Teologia do Antigo Testamento I-II*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Aste, 1973-1974].

ROBERTSON, O.P. *The Books of Nahum, Habakkuk and Zephaniah* (The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI 1990).

ROFÉ, A. *Introduction to the Prophetic Literature* (The Biblical Seminar 21. Sheffield 1997).

SCHÖKEL, L.A. & SICRE DÍAZ, J.L. *Profetas – Comentario I* (Madrid 1980) [Trad. portuguesa de Anacleto Alvarez, *Profetas I* (Grande Comentário Bíblico. São Paulo 1988)].

SICRE DÍAZ, J.L. *Profetismo en Israel. El Profeta. Los Profetas. El Mensaje* (Estella, NA 1992) [Trad. portuguesa de João Luís Baraúna. *Profetismo em Israel – O profeta, os profetas, a mensagem* (Petrópolis 1996)].

— “*Con los pobres de la tierra*” – *La justicia social en los profetas de Israel* (Madrid 1984) [Trad. portuguesa de Carlos Felício da Silveira. *A justiça social dos profetas* (São Paulo 1990)].

ZENGER, E. *Einleitung in das Alte Testament* (Stuttgart³ 1995).

Paulo Ferreira Valério

Av. Herculano Bandeira, 471

Recife, PE

Fones: (81) 3467-7797; 3467-7943

Fax: (81) 3439-3320

paulo_valerio@uol.com.br